



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**  
**CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE**  
**NÚCLEO DE DESIGN E COMUNICAÇÃO**  
**CURSO DE DESIGN E COMUNICAÇÃO**

JOÃO MARCELO ALVES

**CABOCOLINO:**

a trajetória de um artista popular do Agreste para manter viva a tradição  
indígena de um bloco de caboclinhos

Caruaru

2021

JOÃO MARCELO ALVES

**CABOCOLINO:**

a trajetória de um artista popular do Agreste para manter viva a tradição indígena de um bloco de caboclinhos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Comunicação Social com ênfase em Produção Cultural e Mídias Sociais da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social.

**Área de concentração:** Comunicação, Entrevistas.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Amanda Mansur Custódio Nogueira

Caruaru

2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

ALVES, João Marcelo.

CABOCOLINO: A trajetória de um artista popular do agreste para manter viva a tradição indígena de um bloco de caboclinhos / João Marcelo ALVES - 2021.

56f.: il.;30 cm.

Orientador(a): Amanda Mansur Custódio NOGUEIRA  
TCC (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, CAA, Comunicação Social, 2021.

1. CULTURA POPULAR. 2. RELIGIOSIDADE. 3. MEIO AMBIENTE. 4. SOCIOLOGIA. 5. ANTROPOLOGIA. I. NOGUEIRA, Amanda Mansur Custódio II. Título.

390 CDD (22.ed.)

JOÃO MARCELO ALVES

**CABOCOLINO:**

a trajetória de um artista popular do Agreste para manter viva a tradição indígena de um bloco de caboclinhos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Comunicação Social com ênfase em Produção Cultural e Mídias Sociais da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social.

Aprovado em: 30.08.2021

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Amanda Mansur Custódio Nogueira  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Dr. Amílcar Almeida Bezerra  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Dr. Diego Gouveia Moreira  
Universidade Federal de Pernambuco

Dedico este trabalho a todos os artistas populares anônimos de nossa América Latina, em especial ao brincante João de Cordeira, um Mestre, que sabedor do seu propósito de vida, persiste de forma alegre e cativante em manter viva a tradição dos blocos de caboclinhos.

Dedico a minha orientadora Amanda Mansur, também Mestra na arte de transmitir conhecimentos e que de forma brilhante, tocou nosso coração e nos inspira a crescer sempre nos conhecimentos das artes do mundo do audiovisual.

Dedico aos meus pais, João Alves, um ser elétrico, vibrante, transformador, um homem hiper adaptável e Carmelita, serenidade em pessoa, incentivadora, fraterna, uma mulher amorosa, ambos desencarnados, mas que foram e são mestres na arte de me direcionar ao simples para o encontro encantado com o belo.

Dedico a todos os jovens, independente de idade, que no mundo, diante das benesses virtuais, ficam confusos e buscam o seu propósito de vida.

Dedico nestes tempos de respingos de agitação, negacionismos e de obscuridade, a todos que fazem ciência, a todos que lutam pela chama da liberdade.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, a todos os professores do Curso de Comunicação Social e Design, que colaboraram em minha formação, Ana Cristina, Daniela Bracchi, Eduardo Maia, Fabiana Moraes, Gustavo Alonso, Juliana Leitão, Marcos Buccini, Rodrigo Barbosa, Ricardo Sabóia, e Teresa Lopes. De forma especial, a minha orientadora Amanda Mansur e Iomana Rocha, ambas pelos aprimoramentos no campo do audiovisual. Ao professor Diego Gouveia pela clareza em nos ajudar a construir textos e ter proporcionado a partir de uma atividade em sua disciplina, entrevistar e conhecer Sr. João de Cordeira, oportunizando todo o projeto Cabocolino. Aos professores Amílcar Bezerra, Izabella Domingues, Sheila Borges e Giovanna Mesquita por proporcionar o desabrochar de novos talentos até então desconhecidos por mim. Ao professor Marcelo Martins, por trazer, como mestre e brincante, os signos presentes da semiótica ao meu cotidiano. Cada palavra, cada frase, cada capítulo dessa obra tem um pouco de cada um de vocês. Aos meus colegas e todos os servidores da UFPE. A todos que contribuíram para construir juntos o nosso documentário e de forma especial ao personagem Sr. João de Cordeira, como também o seu “Protetor Caboclo”, pela confiança, pelos ensinamentos e pela sólida amizade construída. A Maria Lúcia Miranda, pela grandeza de caráter e sempre me incentivar a galgar novas conquistas. A minha ex-colega de trabalho, Alcineide e minha nora Paulinha, ambas me ajudaram de forma espontânea na correção, adequação e formatação do texto as normas. A minha família, Livalda, Danilo, Marcelinho e Bella, pela paciência em me aturar e sempre me incentivar e apoiar a ser esse ser inquieto. Por fim, mesmo já ter havido dedicado o trabalho aos meus pais, para mim, não torna redundante agradecer, pois foram eles que um dia, diante de nossas limitações econômicas e desejo de conhecer o mundo, me incentivaram a buscar o universo, o infinito, naquilo que estava próximo a mim, ou seja, nos livros, bibliotecas, nas ruas e na feira livre de Surubim, orientando-me principalmente a mergulhar na riqueza das histórias das pessoas simples que vivem no meu Nordeste, local de pertencimento e de minha identidade.

“Onde as necessidades do mundo e seus talentos se encontram, aí está sua vocação”.<sup>1</sup>

Aristóteles

---

<sup>1</sup> Segundo o filósofo Roman Krznaric essa citação teria sido de Aristóteles, mas que a procurou e não achou em nenhuma obra do grande filósofo.

## RESUMO

O presente trabalho de pesquisa busca compreender e registrar como um artista anônimo e produtor cultural de um bloco popular de caboclinhos empreende esforços para manter viva a tradição repassada por seus antepassados sem patrocínios governamentais ou privados. O artista selecionado foi João de Cordeira, residente no Sítio Melancia, na zona rural do município de João Alfredo (PE), localizado no Agreste Setentrional de Pernambuco. O trabalho encontra-se dividido em duas partes: a pesquisa escrita e a produção de um documentário. Para subsidiar o trabalho com os conhecimentos teóricos e metodológicos, recorreu-se aos autores que trabalham conceitos de técnicas de entrevista e documentário, como Caputo (2010) e Nichols (2005). Com base nesses autores e no material obtido nas entrevistas, ficou evidente a possibilidade de criar e produzir um documentário de 15 minutos sobre as dificuldades do artista João de Cordeira em manter viva a tradição cultural de um bloco carnavalesco em um pequeno município do Agreste Setentrional de Pernambuco.

**Palavras-chave:** Caboclinhos. Entrevista. Documentário.

## ABSTRACT

The present research has the objective to understand and record how an anonymous cultural artist and producer of a popular block of *caboclinhos* makes efforts to keep alive the tradition passed on by his ancestors without government or private sponsorship. The artist selected was João de Cordeira, who lives at Sítio Melancia, in the rural area of João Alfredo (PE) city, located in the northeastern countryside of Pernambuco. The research is divided into two parts: this paper and the production of a documentary. To subsidize this study with theoretical and methodological knowledge, it was analyzed Caputo (2010) and Nichols (2005) concepts of interview and documentary techniques. Based on these authors and on the material collected in the interviews, it was possible to create and to produce a 15-minute documentary about the difficulties of the artist João de Cordeira in keeping alive the cultural tradition of a carnival block in a small municipality in the northeastern countryside located in Pernambuco state.

Keywords: Caboclinhos. Interview. Documentary

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APRO	Associação Brasileira da Produção de Audiovisual
BBC	<i>British Broadcasting Corporation</i>
SIAESP	Sindicato da Indústria Audiovisual do Estado de São Paulo
SINDCINE	Sindicato dos Trabalhadores na Indústria Cinematográfica e do Audiovisual dos Estados de São Paulo, Rio Grande do Sul, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Tocantins e Distrito Federal.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 1 –	Visita ao local que serviu para as cenas de abertura do filme.....	37
Fotografia 2 –	Árvore Tambor localizada no Sítio Campo do Borba – João Alfredo-PE.....	37
Fotografia 3 –	Gravação cenas abertura Cabocolino.....	39
Fotografia 4 –	Serra da Ventania – João Alfredo-PE.....	40
Fotografia 5 –	Momentos que antecederam as filmagens.....	41
Fotografia 6 –	Orientação de posicionamento ao Bloco de Caboclinhos....	42
Fotografia 7 –	Gravação cenas do sonho – Memorial dos Severinos – Surubim-PE.....	42
Fotografia 8 –	Gravação cena Terminal Rodoviário de Caruaru-PE.....	43
Fotografia 9 –	Gravações no Horto de Padre Cícero.....	44
Fotografia 10 –	Cena da plantação das sementes em Juazeiro do Norte-CE.....	45
Fotografia 11 –	Encerramento filmagens no Juazeiro do Norte-CE.....	46
Fotografia 12 –	Gravação no estúdio da Eixo Audiovisual.....	47
Fotografia 13 –	Cartaz divulgação Cabocolino.....	48
Fotografia 14 –	Inauguração da Casa de Cultura de João Alfredo.....	49
Fotografia 15 –	João Marcelo, Marlom e Alexandre.....	50

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>OBJETIVOS .....</b>	<b>15</b>
2.1	Objetivo geral .....	15
2.2	Objetivos específicos .....	15
<b>3</b>	<b>JUSTIFICATIVA .....</b>	<b>16</b>
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA .....</b>	<b>18</b>
<b>5</b>	<b>BLOCO DE CABOCLINHOS DO SÍTIO MELANCIA .....</b>	<b>19</b>
<b>6</b>	<b>O DOCUMENTÁRIO .....</b>	<b>25</b>
6.1	O documentário perante a verdade, os interesses e instrumentos de defesa .....	26
6.2	O documentário na comunicação .....	27
6.3	O documentário perante a ficção e a propaganda .....	28
<b>7</b>	<b>CABOCOLINO .....</b>	<b>31</b>
7.1	O desafio de filmar em tempos de pandemia .....	32
7.2	O percurso do projeto .....	36
7.2.1	Pré-produção .....	36
7.2.2	Produção .....	38
7.2.3	Pós-produção .....	46
<b>8</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>51</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>54</b>
	<b>ANEXO A – FICHA TÉCNICA CABOCOLINO .....</b>	<b>55</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A tradição dos blocos de caboclinhos tem origem nas danças dos nativos indígenas do Brasil e é reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico (Iphan) desde 2016. Os blocos de caboclinho são uma manifestação cultural presente em alguns estados do Nordeste, como: Paraíba, Alagoas e Rio Grande do Norte. Na região da Mata Norte do estado de Pernambuco, possui uma maior visibilidade e representatividade. Também se faz presente em menor número em outras cidades do interior de Pernambuco e no Agreste Setentrional. Precisamente na cidade de João Alfredo (PE), no período carnavalesco, é comum desfilar agremiações centenárias que embelezam a festa no interior.

A festa em João Alfredo se inicia na sexta-feira de Zé Pereira e se prolonga até a terça-feira de carnaval. A organização e o patrocínio cabem à prefeitura municipal, que monta um palco principal, localizado em uma das ruas principais do município. Privilegia a apresentação de artistas e bandas famosas do estado nos períodos noturnos e na tarde do domingo. Nos demais horários, ocorre o desfile de blocos carnavalescos estilizados em frente ao palco e percorre demais ruas da cidade.

A programação oficial reserva um dia para a apresentação de blocos culturais de bumba-meu-boi, maracatus e blocos de caboclinhos. O carnaval da cidade é abrilhantado por 03 blocos tradicionais de caboclinhos: os blocos de Caboclinhos da Lagoa Funda, da Asa Branca e do Sítio Melancia. Encanta-nos esses blocos através da dedicação dos brincantes, travestidos em fantasias simples, com participação de pessoas de várias idades e cada agremiação se empenha em receber os maiores afagos do público, na forma de aplausos, como um troféu a ser conquistado.

A aproximação com o universo desses brincantes deu-se por conta de uma atividade da disciplina de Técnica de Redação, do Curso de Comunicação do Centro Acadêmico do Agreste. No decorrer da atividade, após a entrevista<sup>2</sup>, constatamos, através dos dados levantados, que não havia uma política de valorização e preservação daquela cultura no município e que a tradição era mantida dentro de um cenário com muitas dificuldades. Tal fato despertou a promoção de estudos e

---

<sup>2</sup> Entrevista realizada em 12 de jun. de 2017

pesquisas sobre a cultura que envolve os blocos de caboclinhos, desde as fontes de recursos que eram empregados para manutenção, as rotinas de ensaios, a produção de adereços e instrumentos até os meios utilizados para sua divulgação.

Através do uso das Técnicas de entrevista, identificamos no artista que foi objeto do nosso perfil biográfico, o personagem ideal para aprofundar os levantamentos e depois retratar a jornada e os percalços para manter a viva a tradição de um bloco popular. A professora e jornalista Stela Guedes Caputo, em sua obra “Sobre Entrevistas”, traz o seguinte conceito de entrevista:

A entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpretação informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação. Em todos estes ou outros usos das Ciências Humanas, constitui sempre um meio cujo fim é o inter-relacionamento humano (MEDINA, 2002, p.8, *In*: Guedes Caputo, p. 26).

A partir da interação social, através da entrevista (Santana, 2017) foi possível reconhecer o universo do nosso personagem principal, o Sr. João Luiz de Santana, conhecido por João de Cordeira (denominação originada porque sua mãe se chamava Dona Cordeira), com 78 anos de idade, é mestre e um dos integrantes que mais se destaca no Bloco de Caboclinhos do Sítio Melancia, não apenas por suas acrobacias, apesar da idade, mas, principalmente, por exercer uma liderança nata no grupo.

Praticamente viveu a maioria dos anos de sua vida movido pela paixão nas festividades do carnaval. Nas entrevistas, o brincante comenta que iniciou sua participação nos blocos desde os 12 anos de idade e atuou ininterruptamente em todos os carnavais até o ano de 2020, não participando neste ano, por conta das restrições impostas pelas autoridades no tocante à pandemia do Covid-19. Contou-nos que as despesas de manutenção do bloco nos últimos anos são maiores que as receitas. Para manter a tradição viva, utiliza dos seus recursos como agricultor e aposentado para complementar as despesas de pagamento de músicos, aluguel de veículos, remuneração de participantes, gastos com fantasias e alguns instrumentos.

As apresentações públicas do bloco são mais intensas durante o período carnavalesco. Raramente, são convidados para apresentação em outras datas comemorativas. Disse Sr. João: “ Se não estou enganado, acredito que apenas umas

duas vezes nos convidaram para participar das comemorações do dia do índio em uma escola” (SANTANA, 2017).

Tanto o Sr. João de Cordeira como os participantes e dirigentes dos demais blocos das outras agremiações ainda não despertaram para a importância de registros históricos, registros fiscais, registros nos órgãos de cultura e catalogação de material de apresentações, os quais poderiam serem utilizados para consulta, pesquisa, divulgação e preservação. O material arquivado resume-se a fotografias avulsas de vários carnavais ocorrido ao longo dos anos, sem registros de datas e alguns CDs (discos compactados) com imagens em vídeos feitas aleatoriamente por fotógrafos amadores, onde os grupos são mostrados de forma massificadas com outras manifestações festivas nos períodos carnavalescos. A profissão dos participantes desses blocos é, em sua maioria, formada por agricultores ou trabalhadores de atividades braçais, com histórico de baixa frequência escolar.

Após deparar com toda a riqueza presente na cultura, com a dedicação e garra em manter viva essa tradição, o personagem motivou-nos a produzir um documentário onde compreendesse o universo dos caboclinhos, a sua vida, as dificuldades, sua arte e seus sonhos. Para Bill Nichols (2005, p. 30), os documentários mostram aspectos do mundo histórico. Eles significam ou representam os pontos de vista de indivíduos, grupos e instituições.

No capítulo 5, abordamos das características e onde está inserido o Bloco de Caboclinhos do Sítio Melancia em João Alfredo.

No capítulo 6, apresentamos o Documentário, o conceito, como instrumento e agente de comunicação, o seu poder de convencimento e características e os meios que o caracteriza como ferramenta de visibilidade.

No capítulo 7, expomos o nosso planejamento e etapas da produção do documentário Cabocolino. Destacamos o desafio de filmar em plena pandemia e as necessárias adaptações do roteiro devido às constantes mudanças de cenários.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo geral**

Realizar um filme de curta-metragem, do gênero documentário, com duração de 15 minutos, sobre as dificuldades do artista popular João de Cordeira para manter viva a tradição cultural de um bloco carnavalesco no Agreste Setentrional de Pernambuco.

### **2.2 Objetivos específicos**

- Resgatar a história dos blocos de caboclinhos no interior de Pernambuco;
- Realizar entrevistas com brincantes dos blocos de caboclinhos do Agreste Setentrional de Pernambuco;
- Entrevistar um brincante que represente o universo dos blocos de caboclinhos da região;
- Descrever os percalços e as multifuncionalidades presentes em um produtor cultural desconhecido da mídia e desprestigiado pelos órgãos de culturas estatais; e
- Roteirizar, produzir, editar e finalizar um documentário em curta-metragem.

### 3 JUSTIFICATIVA

Nosso projeto é importante por trazer a vivência e as dificuldades pelas quais um produtor cultural do interior de Pernambuco depara-se por conta da ausência de políticas culturais inclusivas direcionadas aos pequenos grupos carnavalescos que, geograficamente, encontram-se distante dos olhares dos promotores de cultura estatal. Para se manter em atividade, as agremiações sobrevivem dos poucos recursos arrecadados dos passantes em época de carnaval, dos cachês irrisórios quando são contratados por prefeituras e dos poucos recursos próprios, geralmente de seus dirigentes. Contam também com a criatividade e a destreza na arte de confeccionar os seus instrumentos e adereços para se manterem presentes nos carnavais do interior e na zona rural dos pequenos municípios do agreste pernambucano.

A partir de nosso registro através de um documentário, o material servirá como um excelente promotor da beleza, da arte e cultura dos pequenos blocos de caboclinhos da cidade de João Alfredo.

Efetuamos busca nas plataformas de vídeos do *Youtube*<sup>3</sup>, *Vídeo*<sup>4</sup>, nos blogs de notícias da região do Agreste<sup>5</sup> e também junto à Secretaria de Educação, Cultura e Esportes de João Alfredo<sup>6</sup> e não encontramos nenhum material sob a forma de documentário que retratasse personagens ou históricos dos blocos de caboclinhos da cidade. Encontramos apenas nas plataformas do *Youtube*, *Facebook* e *Instagram*<sup>7</sup> pequenos registros avulsos de curta duração de apresentações, ora nas ruas da cidade, ora nos encontros de blocos e troças patrocinados pelo município. O documentário produzido a partir desse trabalho tem caráter inédito e preencherá uma lacuna existente na formatação do acervo do patrimônio cultural do município.

Acreditamos que a divulgação do material através das plataformas digitais e festivais proporcionará uma nova visibilidade aos artistas e grupos que poderá sensibilizar governantes e promotores de cultura para prestigiar, de forma justa, os blocos.

---

<sup>3</sup> Pesquisa realizada em 02 de jan de 2020, às 15h.

<sup>4</sup> Pesquisa realizada em 02 de jan de 2020, às 15h30.

<sup>5</sup> Pesquisa realizada em 02 de jan de 2020, às 20h.

<sup>6</sup> Visita realizada em 06 de jan de 2020, às 09h.

<sup>7</sup> Pesquisa realizada em 02 de jan de 2020, às 21h.

O documentário mostrará o idoso como agente fomentador de cultura, como ser presente e ativo na sociedade. Portanto, todo o projeto é de caráter inovador para a divulgação da cultura dos caboclinhos na região, ao trazer visibilidade e valorização aos artistas anônimos, brincantes presentes nos rincões do Estado e que fazem do carnaval do interior de Pernambuco algo pulsante, apaixonante e presente nas vidas das comunidades mais distantes dos grandes centros populacionais.

## 4 METODOLOGIA

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foram utilizados como aporte teórico livros e artigos sobre a temática de blocos de caboclinhos, em especial o Bloco de Caboclinhos do Sítio Melancia da cidade de João Alfredo.

No intuito de entender com mais profundidade o funcionamento e características dos grupos folclóricos, utilizamos, como base metodológica, os conceitos presentes nas técnicas de entrevista, segundo Medina (1986):

A entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e "a distribuição democrática da informação" (MEDINA, 1986, p.8).

Como forma de obter maiores informações sobre particularidades do bloco, resgate histórico e manutenção, foi empregado em todas as entrevistas o modelo de entrevista aberta, onde, "os entrevistadores sugerem temas sobre os quais a fonte fala com poucas interrupções, apenas aquelas necessárias para tornar o diálogo não apenas agradável, mas também produtivo" (CAMPIOLO, 2010, p. 11)

Municiados do material colhido, direcionamos da seguinte forma os nossos trabalhos:

- Leitura e organização da bibliografia sobre o tema;
- Mapeamento dos grupos presentes no Agreste Setentrional;
- Realização de entrevistas preliminares com integrantes dos blocos de caboclinhos de João Alfredo;
- Análise do material pesquisado;
- Seleção do integrante que representa o universo do grupo abrangido;
- Revisão da biografia sobre o tema e confronto com o material pesquisado;
- Redação final e apresentação.

## 5 BLOCO DE CABOCLINHOS DO SÍTIO MELANCIA

Os blocos de caboclinhos na cidade de João Alfredo trazem a particularidade de serem conhecidos e denominados através dos nomes das comunidades em que estão inseridos. Geralmente é o local da residência do Mestre da agremiação e, quando esses brincantes mudam de residências, normalmente a agremiação receberá a nomenclatura da nova instalação. Ao observar com mais proximidade os grupos carnavalescos de nossa região, percebemos a existência de um público fiel que acompanha e prestigia as apresentações dessas agremiações. Fomos informados que o bloco de Caboclinhos da Melancia era a agremiação mais antiga do município nesse segmento. A partir dessa informação, procuramos identificar o representante da agremiação e deparamo-nos com o brincante “Sr. João de Cordeira”, líder natural entre os integrantes, considerado pelos pares como um mestre na arte e atualmente ainda dirige o bloco. A partir desse encontro, marcamos um momento para realizar uma entrevista (Santana, 2017) no intuito de aprofundar nossos conhecimentos sobre os caboclinhos, colher dados da agremiação, funcionamento e meios atuais de sobrevivência da arte.

A tradição dos caboclinhos no Sítio Melancia vem sendo repassada de pai para filho, desde o bisavô do brincante. A agremiação possui mais de 200 anos de existência.

Normalmente o bloco desfila com 15 integrantes, que se juntam para os ensaios em meados do início do mês de dezembro de cada ano. Estes ensaios geralmente são realizados no período da tarde de cada domingo e se prolonga pelos meses de janeiro e seguintes até o dia do carnaval, em pátios de residências e mercearias de pequenas e variadas localidades, a depender dos convites de fãs e de patrocinadores. Disse Sr. João: “É normal todos os anos que as pessoas logo em meados de outubro já estarem agendando as apresentações dos ensaios em suas comunidades. Quando isso não acontece, é um sinal que a arrecadação do próximo carnaval não será muito boa” (SANTANA, 2017).

Nos ensaios, ajustam-se os movimentos e passos comuns a todos, como a meia-lua, a tesoura, os cruzamentos, a meia-lua traçada e os saltos, que são executados individualmente por cada integrante ao simples sinal do Mestre do grupo.

Na ocasião, é disponibilizado um tempo especial para novos integrantes absorverem os conhecimentos da arte.

Alguns cantos, como: “Caboclo de meia-lua, não dança de pé no chão... areia, areia, areia, areia arar, é o mar cessando a areia e a areia cessando o mar...”, são entoados normalmente antes do início de cada apresentação no ensaio ou na encenação pública do bloco. O Sr. João traz, na memória, lembranças dos cantos principais do seu bloco. Pontuou que existem outras “loas”<sup>8</sup>, mas, por conta de sua idade, não consegue mais lembrar. Os ensaios e apresentações sempre são acompanhados por músicos que tocam instrumentos de sopro e percussão, contratados nas cidades vizinhas. Alguns acompanham o bloco há muitos anos, como é o caso do Sr. Sebastião, flautista da banda de pífanos do Sítio Vertente do Lério, situado em Surubim (PE).

A cada ano, percebe que vem encontrando dificuldades em formar um grupo com a quantidade padrão de músicos (no total, cinco integrantes, sendo dois flautistas e os demais se ocupam da percussão, no bombo, na caixa de taró, no ganzá e nos pratos), por conta do valor dispendido. O valor pago a cada músico varia de R\$ 700,00 (setecentos reais) a R\$ 1.000,00 (um mil reais), livres de despesas com deslocamentos e alimentação. O contrato de cada músico envolve alguns ensaios e os quatro dias de carnaval. Disse Sr. João: “Reconheço que o valor pago é pouco diante da qualidade e dos dias que os músicos se dispõem a tocar, mas, por conta da pouca quantia arrecadada das pessoas nas ruas e dos pífiros contratos com prefeituras, o item contratação de músicos se torna bastante oneroso no rol de despesas da agremiação” (SANTANA, 2017).

As vestimentas utilizadas seguem o mesmo padrão de cores dos antepassados e são idealizadas pelo próprio mestre da agremiação. No conjunto, apenas as vestimentas do mestre e do bandeirista (porta-bandeira) são diferentes dos demais integrantes, os quais, segundo a tradição dos caboclinhos, obrigatoriamente devem ser idênticas. Neste instante da entrevista, disse Sr. João: “Certa vez chegou aqui um camarada da ‘rua’<sup>9</sup>, se oferecendo para costurar toda a vestimenta do bloco, daí apresentou uns modelos e vi de cara que estava tudo errado. Eram bonitas, bem

---

<sup>8</sup> De acordo com o entrevistado, “loas” são versos que trazem na letra relatos sobre o tipo das penas dos adereços, fatos do cotidiano na agricultura, na caça e feitos comuns aos movimentos do grupo.

<sup>9</sup> Refere-se assim às pessoas que residem nas sedes dos municípios.

confeccionadas, muitas pedrarias, mas cada roupa dos demais guerreiros possuíam modelos diferentes. Olhei, olhei e educadamente falei que estavam bonitas, mas não estavam de acordo com a tradição”. Complementou: “Deus me livre cometer um pecado desse!” (SANTANA, 2017). Na confecção das roupas, utiliza os serviços de costureiras da cidade que, anualmente, fazem consertos ou novos trajés. O bloco carrega por tradição as roupas nas cores amarela com detalhes em verde. Todo o material do bloco é guardado na própria residência do Sr. João.

As preacas (adorno/instrumento de madeira que produz estalejados) do bloco, que são instrumentos de marcação em formato de flechas, juntamente com os adornos plumares (cocar, cinta, braçadeira e tornozeleira) são confeccionados por Sr. João. Ele adquire as penas de pavão e outras aves para os adornos junto a fazendeiros amigos da região e retira de árvores nas proximidades os galhos para fazer as preacas e alguns instrumentos.

Sr. João de Cordeira é um agricultor aposentado, com 78 anos de idade e, desde seus 12 anos, começou a brincar como caboclinho. Na época, o bloco era comandado por seu avô, que, após o falecimento, foi repassado para o seu pai e, diante da morte do mesmo, foi transmitido para o seu comando. O repasse da direção do bloco para os herdeiros é comum também em outras agremiações.

Traz, na memória, lembranças de grandes carnavais, inclusive cita, com entusiasmo, dois carnavais em que teve o privilégio de ser contratado para participar do carnaval na cidade de Olinda (PE). Naquele ano, ficou deslumbrado com o luxo das fantasias, a beleza das mulheres, a quantidade de integrantes presentes nos blocos que desfilaram, originados, em sua maioria, da cidade de Goiana (PE). Pontuou, na entrevista, que, naquele domingo de carnaval na Marim dos Caetés (apelido da cidade de Olinda), após a apresentação de sua agremiação, sentou-se em um meio fio da calçada de uma rua para assistir as apresentações daqueles blocos. Disse: “Se o ‘Céu’, de fato, existir, não pode ser diferente da beleza que vi naqueles caboclinhos” (SANTANA, 2017).

Indagamos se o bloco tinha alguma vinculação com a religião da Jurema<sup>10</sup>, fato característico presente nos blocos sediados nas cidades da região da mata Norte de

---

<sup>10</sup> Religião originada a partir dos rituais indígenas, sedimentada na ingestão de uma bebida preparada a partir da planta Jurema, a qual permite contato com entes espirituais. Recebeu influências de outras religiões de origem africana e é muito praticada nos estados de Pernambuco e Paraíba.

Pernambuco. Sr. João explicou: “sigo as orientações do catolicismo, mas recebo a assistência de um espírito protetor, o Caboclo Canindé, tanto durante o dia a dia como, também, de forma especial durante os quatro dias de folia”. Segundo o Sr. João, antes do grupo brincante sair para suas apresentações, segue um ritual de orações, pedindo a Deus proteção para que tudo ocorra dentro da normalidade. Observa que, após as orações, sente a aproximação de um ser espiritual, na forma de um índio e que, a partir desse instante, reúne forças inimagináveis, o que o faz brincar durante todo o dia e não sentir nenhum cansaço.

Diz que, em anos anteriores, nas várias ocasiões em que esteve doente próximo ao período carnavalesco, observa uma aproximação natural desse protetor e, a partir daí, percebe melhoras consideráveis em seu estado de saúde. Acredita que essa melhora provém do desejo do caboclo que o mesmo prossiga na missão de manter viva a tradição do Bloco de Caboclinhos da Melancia.

Segundo Sr. João de Cordeira, o caboclo protege o bloco e relembrou um fato ocorrido em sua infância. Na ocasião, o bloco era comandado pelo seu genitor e, no momento das preces iniciais, o caboclo havia transmitido por psicofonia (do grego *psyqué*, alma e *phoné*, som, voz. De acordo com a Doutrina Espírita, é o fenômeno em que um espírito se comunica através da voz do médium) um alerta, pedindo que todos tivessem o máximo cuidado naquele primeiro dia de carnaval, que fatos desagradáveis poderiam ocorrer, que se mantivessem em vigilância no tocante às provocações de outros grupos e também moderassem no consumo de bebida alcoólica, pois pressentia situações desagradáveis que poderiam ocorrer.

Nesta época, era natural que blocos rivais se confrontassem para exibir as melhores performances acrobáticas nas vias públicas. Ao se avistarem, geralmente o integrante de um dos blocos que carrega o estandarte fazia um movimento com a bandeira em direção ao bloco rival, desafiando-o para esses embates. Essa disputa se restringia às acrobacias que cada integrante do bloco fazia para o público, sempre de forma individual entre participantes de cada agremiação. Sairia vencedor o bloco que tivesse em sua equipe o maior número de desafiantes que recebessem maior aclamação de aplausos do público. Quando havia dúvidas em definir o vencedor de um determinado confronto, os guerreiros eram convidados novamente a se enfrentarem com suas performances, até haver, por parte de cada líder do bloco, o reconhecimento do vencedor.

Naquele dia, segundo Sr. João, o seu pai, precavido por conta das orientações espirituais, teria evitado vários combates com uma agremiação rival, mas, em determinado momento, viram-se encurralados em uma das ruas de João Alfredo e o combate ocorreu até certo momento de forma ordeira, quando, de repente, um dos integrantes do bloco rival, movido por ódio de desavença anterior e em visível estado de embriaguez, retirou de seus adornos uma faca e desferiu golpes em um dos guerreiros, que, agilmente, desvencilhou-se e, no contragolpe, conseguiu atirar o agressor ao chão, provocando cortes com a própria arma do provocador. Diante do sangue nas vestes do adversário, ocorrera tumulto entre o público que assistia e os dois blocos se dispersaram em retirada da via pública.

Aquele teria sido o carnaval mais triste da vida de Seu João, pois todos os integrantes ficaram amedrontados, escondidos em residências de parentes e amigos, tendo em vista que uma onda de boatos ocorreu. Ora trazia a notícia do falecimento do guerreiro do outro bloco, ora trazia a notícia que as autoridades policiais procuravam os responsáveis. Finalizou esclarecendo que o ocorrido é caracterizado como acontecimento isolado na história da agremiação.

Os blocos dependem financeiramente, sobremaneira, de doações espontâneas de transeuntes, que assistem os blocos em suas exposições nas ruas de João Alfredo e feiras das cidades vizinhas. Sr. João exaltou, com satisfação, que o sábado de carnaval é reservado para a apresentação na feira de Surubim, na qual, normalmente arrecada-se a maior quantia durante o período carnavalesco. Quando indagado pelo apoio do poder público municipal, diz que, quando são contratados, formalizam contratos por quantias irrisórias e o que os motiva a se apresentarem durante a festa oficial é o respeito ao público e porque geralmente as apresentações são direcionadas para momentos em que se promovem o encontro dos caboclinhos e outros blocos culturais. É um momento oportuno de rever amigos e avaliar através de comparação, a posição do bloco em relação as alegorias, performances e beleza diante dos rivais.

Destacamos a preocupação do Sr. João em preservar a cultura de caboclinhos. Um dos filhos que o acompanhava nas apresentações reside no estado de São Paulo. Confessou, com certa tristeza, que as novas gerações não mostram entusiasmo em manter viva a tradição e que fica feliz quando algum jovem o procura interessado em aprender a arte. Pontua que tal fato é raro. Nutre o desejo de formar uma escola permanente de ensino da cultura dos caboclinhos no terreiro de sua casa. Sabe que

tem que conciliar a nova atividade com seus afazeres na agricultura, pois ainda permanece trabalhando no campo.

Observamos também, através de nossas entrevistas, que as maiores dificuldades vivenciadas por Sr. João e dirigentes de outras agremiações reside na esfera financeira dos blocos. Para manter em atividade o bloco de caboclinhos, Sr. João e os demais fazem uso de suas próprias economias. A situação é recorrente e se mostra ameaçadora para a sobrevivência da cultura na cidade. A tradição dos caboclinhos faz parte da festa carnavalesca onde enaltece, através da dança e performances, a cultura indígena com a representação dos movimentos empregados nas atividades de caça e defesa pessoal.

Os blocos percorrem, durante os quatro dias de carnaval, as feiras das cidades e pequenas localidades das zonas rurais desses municípios, constituindo-se, muitas vezes, a única forma de diversão presente nessas longínquas comunidades.

## 6. O DOCUMENTÁRIO

O descaso presente nas políticas de incentivo cultural nos órgãos governamentais não contempla a valorização das pequenas agremiações culturais presentes nos distantes rincões do nosso país. Falta apoio de ações de visibilidade. É perceptível a fragilidade de sobrevivência desses grupos desconhecidos de grande parte do público geral, inseridas em um contexto onde inexiste quaisquer políticas de preservação.

Fomos sensibilizados, através do processo de entrevistas, a promover, de uma forma eficiente, a visibilidade e, ao mesmo tempo, um registro histórico do personagem, cuja vida se funde com a da agremiação. Optamos por registrar, através de um documentário, a resistência do artista popular João de Cordeira em manter viva a tradição cultural de um bloco carnavalesco no Agreste Setentrional de Pernambuco.

O diretor João Moreira Salles, no prefácio do livro *O Documentário de Eduardo Coutinho*, da escritora Consuelo Lins (2004), diz que o cinema produzido por esse mestre documentarista brasileiro traz, nas suas narrativas documentais, a importância de proteger um conjunto de histórias fragilíssimas (p.7). Pontua que se encontra na obra desse diretor de filmes como *Cabra Marcado para Morrer* (1984), *Babilônia 2000* (2000), *Santo Forte* (1999) e outros sucessos, a motivação de demonstrar sua indignação em não permitir que essas narrativas, perecíveis por definição, não morram diante de atitudes de rejeição e descaso.

A motivação de Coutinho residia em eternizar, nas películas, as histórias desses personagens e que suas histórias se tornassem presentes e vivas. Concordamos com o autor, pois, quando assistimos uma película documental sobre fatos, acontecimentos ou personagens e gostamos, somos tomados de uma atitude de compartilhamento e de divulgação e essa reação passada em cadeia provoca a eternização de bandeiras políticas, personagens, manifestações e também de fatos históricos constantes na obra.

O cineasta João Moreira Salles aponta também no livro citado anteriormente que a síntese da obra de Eduardo Coutinho encontra resposta no livro de entrevistas intitulado *O único e o singular*, onde o pensador Paul Ricoeur, indagado sobre o sentido da responsabilidade, responde dessa forma:

Onde há poder, há fragilidade. E onde há fragilidade, há responsabilidade. Eu diria mesmo que o objeto da responsabilidade é o frágil, o perecível que nos solicita. Porque o frágil está, de algum modo, confiado à nossa guarda. Entregue ao nosso cuidado. (LINS, 2004, p.7).

Essas reflexões fizeram acender a chama de nossa de reponsabilidade social. Daí surgiu, no nosso íntimo, a motivação em eternizar, através de um documentário, a vida do agricultor, do brincante, do homem de fé: João de Cordeira.

No nosso curso de Comunicação Social, foi uma grata surpresa em nos deparar com as disciplinas do eixo de audiovisual. Desde a infância, como espectador, éramos atraídos para o único cinema de nossa cidade naturalmente. Era uma paixão inexplicável a toda magia que envolve a arte cinematográfica.

Poderíamos eternizar a história do personagem e contribuir para a divulgação da sua causa, utilizando diversas outras formas de meios comunicacionais, mas, a partir das atividades vivenciadas nas aulas de Introdução ao Audiovisual, Produção Audiovisual, Fotografia e Oficina de Roteiro, sentimo-nos mais capacitados e decidimos produzir um documentário de 15 minutos, utilizando os conhecimentos construídos em sala de aula, das atividades práticas das disciplinas, e nos livros e artigos que compõem a grade curricular de cada uma delas.

No livro *Introdução ao Documentário*, Nichols (2005), diz que o documentário tem a capacidade de ver questões oportunas que, inevitavelmente, precisam de atenção. O autor também nos transporta a idealizar visões fílmicas do mundo e, a partir disso, refletir não somente sobre questões sociais e atualidades, como também problemas recorrentes e suas possíveis soluções. Conclui o autor que, a partir do documentário, a memória popular e a história social toma uma nova dimensão (2005, p. 27). Concordamos com a afirmativa e acreditamos que, após as exibições, a agremiação e o personagem serão projetados a um novo patamar de valorização e visibilidade.

### **6.1 O documentário perante a verdade, os interesses e instrumento de defesa.**

Na mesma obra, Nichols (2005) pontua que o documentário é um retrato da representação reconhecível do mundo, traz, através das imagens e sons do filme, situações e acontecimentos semelhantes ao que cada um de nós poderia vivenciar no nosso dia a dia, além do que vemos projetado na tela. Caracteriza, dessa forma, o

documentário em primeiro lugar, como algo próximo da verdade. Tal poder não pode ser subestimado, embora sujeito às limitações e restrições próprias das obras cinematográficas. Como segunda característica, cita o autor que o documentário apresenta os interesses de outros. Muitas vezes, coincidentemente, representam os interesses do público, assumindo o papel de representatividade desse grupo ou de quem patrocina. Como terceira característica, faz uma analogia entre a representação de um advogado perante os interesses de um cliente. Seria o produto documentário atuando como um representante dos interesses dos outros de uma forma em que esse suposto cliente (o documentado) não poderia ser representado. A película, intervindo de forma mais ativa, clarifica a natureza do assunto para conquistar aprovação e influenciar opiniões (2005, p. 29 e 30).

A par desse importante viés, presente nessa terceira característica, a nossa produção focará, com ênfase, no papel que o documentário tem de advogar em favor de proporcionar uma maior visibilidade ao pequeno produtor cultural, diante da invisibilidade e desvalorização perante os órgãos promotores de cultura e demais entes e não esquecendo a importância do registro das manifestações artísticas existentes nos pequenos municípios, como importantes ferramentas de preservação do acervo cultural das próprias comunidades.

## **6.2 O documentário na comunicação**

O registro de um personagem desconhecido do grande público serve como ponte, direciona para novos diálogos com outros agentes, contribui para a comunicação. Vejamos a contribuição que o acadêmico Porter (2005) explana nesta obra:

Podemos rastrear o impulso do documentário através das tecnologias cinematográficas dos últimos cem anos e, para além desse aspecto, através de toda história humana conhecida. Antes de termos câmeras, microfones e dispositivos de gravação, tínhamos coisas como imagens pintadas, palavra falada e pintada, e também o canto, a dança e o ritual. Tínhamos meios de expressão. Então, o que estamos fazendo quando fazemos filmes e projetos para a televisão é o que nossa espécie sempre fez – só o meio mudou. Eu diria que esta necessidade humana de se comunicar tem sido a nossa característica mais definidora, e a ferramenta básica e essencial para a evolução da sociedade humana. (PORTER, In: LABAKI & MOURÃO, 2005, p.45)

Essa observação do acadêmico Russel Porter, em capítulo do livro organizado por Labaki & Mourão, *O Cinema do Real*, convida-nos a refletir sobre a permanente necessidade da comunicação como elemento de provocar aproximações e, conseqüentemente, solidariedade e maior visibilidade. Acreditamos que, quando as pessoas se sentem ouvidas, tendem a modificar suas atitudes em relação a si e aos outros, tendo em vista que estão sendo valorizadas, respeitadas e vistas. É cruel para o ser humano se sentir invisível, não despertar interesses de outrem. A comunicação, quando flui, aproxima, torna importante o outro, elevando o aumento da autoestima e da confiança mútua.

Nichols (2005, p. 31), ao divagar sobre a representação do outro nas obras da não-ficção, afirma que a forma não é tão simples como quando dirigimos uma obra de ficção, onde apenas pedimos aos atores (pessoas), que façam aquilo que desejamos.

No caso da não-ficção, a resposta não é assim tão simples. As “pessoas” são tratadas como atores sociais: continuam a levar a vida mais ou menos como fariam sem a presença da câmera. Continuam a ser atores culturais e não artistas teatrais. (NICHOLS, 2005, p.31).

A responsabilidade do documentarista é bem maior quando se propõe a expor o outro, como essa pessoa deseja ser representada e qual será a reação das outras pessoas após a exposição. O documentário carrega um mito de viver próximo da realidade. Um registro e exposição de um momento infeliz, um vacilo de um personagem poderão trazer sérias conseqüências por toda a vida ao retratado.

Como visto, o documentário reúne poderes de dar visibilidade, proporcionar interações e esses resultados precisam ser direcionados de forma ética para elevar a autoestima do outro. Daí deveremos redobrar nossas atenções em cada gesto, em cada cena do personagem no intuito de não provocar dissabores.

### **6.3 O documentário perante a ficção e a propaganda**

Ao discorrer sobre a diferença do documentário perante outros filmes, Nichols (2005, p. 47), afirma que não é fácil e simples definir o que é um documentário. Sempre iremos buscar comparar ou relativizar em contrastes com os filmes de ficção, filmes experimentais e de vanguarda. Ledo engano considerar um documentário como

simples reprodução da realidade, ou cópia de algo já existente, mas o documentário carrega uma representação de uma visão de mundo em que talvez nunca deparamos.

A partir do momento que tomamos como representação, poderemos vislumbrar que as representações poderão ser expostas de várias formas, sob diferentes ângulos. Essa característica poderá ser otimizada e fazer do documentário um instrumento eficaz de propaganda. Como exemplo, podemos destacar os documentários da cineasta alemã Leni Riefenstahl, diretora de obras como *O Triunfo da Vontade* (1934).

Nesse documentário, há o registro de um congresso nazista em Nuremberg, o qual encantou Hitler e seu chefe de propaganda Josef Goebbels. Os dirigentes alemães, após assistirem, de tão entusiasmados, chegaram ao ponto de encomendarem a direção do filme oficial das olimpíadas de Berlim em 1936, *Olimpia* (1936). Nesta obra a diretora inovou em apresentar novas técnicas de filmagens como colocar uma câmera sob trilhos movimentadas por carros elétricos para acompanhar os corredores durante as provas, gruas, *slow motion* e variações de ângulos.

Durante algum tempo, esses filmes permaneceram no anonimato, mas, por iniciativa do cineasta Luis Buñuel, seus trabalhos tiveram várias exibições e foram fontes de diversos estudos. A cineasta negou até a sua morte que o seu filme *Triunfo da Vontade* (1934) fosse uma obra de propaganda: "Estava interessada apenas em fazer um filme que não fosse estúpido como um simples informativo de propaganda, mas sim mais inteligente", disse em uma entrevista a BBC, sobre *Triunfo da Vontade* (1934). "Ele reflete a verdade como era em 1934; é um documentário, não uma propaganda."<sup>11</sup>. Revejo costumeiramente essa obra da diretora, separando a visão da atmosfera política da época e me atendo à genialidade e protagonismo da mesma.

Por possuir também voz própria, o documentário utiliza imagens e sons para apresentar novos pontos de vistas, fazer conhecer aquilo que se encontra oculto, dar visibilidade a outros pontos de vistas, a outras problemáticas, a outras causas e, talvez, apresentar caminhos e soluções. Para alcançar tal propósito, o gênero documentário deve atingir uma lógica narrativa organizada, semelhantes às construções das obras de ficção.

---

<sup>11</sup> Entrevista divulgada no site da Folha Ilustrada em 2008.

Segundo Nichols (2005, p. 93), ao discorrer sobre a mensagem de um documentário, deveremos considerar que a obra possui um triângulo de histórias entrelaçadas, a do cineasta, a do filme e a do público. Antecipadamente ao ato de assistir um filme, vem as perguntas, qual o tema de que se trata, qual diretor o produziu e também a importância do momento atrelado ao lugar.

Nessa perspectiva, o autor divaga sobre o histórico fílmico do realizador, suas intenções e motivos, a história em si que o filme traz e, por fim, como o espectador se apresenta, quais suas motivações para assistir a obra.

Dessas relações, podem acontecer diversas situações, tendo em vista que as pessoas são diferentes e possuem motivações também diversas. Muitas vezes o efeito de uma mensagem provoca uma reação no público totalmente diferente daquilo que o diretor planejou por causa das variantes constantes, no momento, no local e nas situações vividas e presentes nos espectadores. O referido autor traz a polêmica sobre *O Triunfo da Verdade* (1934) de Leni Riefenstahl, comentada anteriormente, como uma obra que carrega opiniões controversas. Indaga se teria a diretora apenas ambições artísticas de fazer grandes obras de apelo emocional, livres do apelo propagandista ou se estaria a serviço dos nazistas em construir uma obra que carregasse uma imagem positiva para o partido de Hitler. Apesar da polêmica ao sabor de cada visão individual, a obra ora é considerada uma grande peça cinematográfica, ora um exemplo acintoso de propaganda nazista.

Diante desse universo de particularidades que envolvem o planejamento, a execução, a produção e a distribuição de um documentário, sentimo-nos confortáveis em buscar, através desse gênero audiovisual, o melhor meio para apresentar e, conseqüentemente, aproximar um artista anônimo, com suas dificuldades, suas paixões, sua arte e seus sonhos de novos e inimagináveis públicos.

## 7 CABOCOLINO

Em meados do primeiro semestre de 2017, fomos convidados a apresentar, na disciplina Técnicas de Redação, do Curso de Comunicação da UFPE, Campus Agreste, um texto que retratasse um perfil de um personagem. Saímos da sala de aula na dúvida se entrevistaríamos um proprietário de um famoso e tradicional prostíbulo de Surubim ou o de um brincante que em uma tarde de domingo de carnaval daquele ano, teria nos encantado por conta de sua agilidade, vigor e precisão nos movimentos de dança do Bloco de Caboclinhos do Sítio Melancia. A decisão fora tomada em minutos e, a partir daquele momento, começava nossa peregrinação em encontrar o artista para realizar a entrevista para a atividade requerida no curso.

Iniciamos os contatos com os carnavalescos de João Alfredo no intuito de encontrar o brincante. As pessoas contactadas indicaram outros guerreiros e mestres de caboclinhos e, somente tempos depois, após o contato com um dos diretores de cultura do município, foi indicado o endereço do Sr. João de Cordeira. Toda a trajetória a partir daquele contato é retratada no trabalho entregue na faculdade e que, posteriormente, foi publicado no *Blog* do escritor Dimas Santos (BLOG DIMAS SANTOS-Caminhos de Sucesso, 2017, p.1).

Concluído aquele trabalho, a temática dos caboclinhos ensejou em nós o desejo de pesquisar ainda mais sobre o tema. Inclusive, iniciamos uma pesquisa de campo nos períodos carnavalescos dos anos de 2018 a 2020, nas cidades de João Alfredo (PE) e Bom Jardim (PE), pois tínhamos o desejo de retratar, em película, uma trama ficcional dentro do universo dos caboclinhos.

No primeiro semestre de 2019, cursamos a disciplina Oficina de Roteiro e construímos todo o projeto para a execução de um curta-metragem de ficção baseado no material pesquisado, com o título de *Tuitá*, onde o enredo traz uma trama familiar que ocorre no universo de disputas entre integrantes de blocos de caboclinhos rivais.

Reencontramos o Sr. João de Cordeira para novas entrevistas<sup>12</sup> e deparamo-nos novamente com os lamentos sobre as dificuldades em manter viva a tradição dos blocos. De imediato, decidimos planejar uma ação efetiva que viesse a contribuir para minimizar suas dificuldades. Em instantes, consolidamos a ideia de produzir também

---

<sup>12</sup> Entrevista realizada em 28 de fev. de 2020

um novo projeto: um documentário onde o personagem trouxesse para as telas, não apenas suas dificuldades, mas o seu cotidiano, suas alegrias e os seus sonhos como um ser humano atuante na sociedade, um brincante com mais de seis décadas dedicadas à preservação da cultura e sua fé. Estávamos defronte do tema, do personagem e do lugar. De pronto, o Sr. João, aceitou o convite para ser o protagonista e, naquele instante, partimos para materializar essa ideia.

### **7.1 O desafio de filmar em tempos de pandemia**

No início do mês de março de 2020, ainda não havia registros de casos da pandemia de Covid-19 no estado de Pernambuco. Naquele mês, havíamos iniciado a estrutura do roteiro do nosso documentário, o qual previa gravações externas nas cidades de João Alfredo, Olinda, Recife e Juazeiro do Norte no estado do Ceará.

A medida que a pandemia foi se agravando, deparamo-nos com as restrições de circulação e aglomeração de pessoas em ambientes, as orientações de isolamento, de distanciamento social, o que culminou no cancelamento das festividades carnavalescas no país.

O roteiro inicial previa diversas cenas conjuntas e em locais de foco carnavalesco nas cidades de Olinda e Recife. Tais ocorrências nos obrigavam a todo instante modificar o nosso roteiro, mas sempre tomamos o cuidado de preservar a essência da beleza e do amor impregnado pelo retratado na manifestação cultural, como também manter o objetivo de sensibilizar o público espectador pela causa da valorização da cultura popular produzida por artistas anônimos. A partir daí, em conjunto com Alexandre Soares e Marlom Meirelles, estruturamos o roteiro do documentário em uma narrativa de jornada, onde ficasse evidente o desejo do “Seu João de Cordeira” em homenagear o seu avô enterrado no Juazeiro do Norte CE, através do plantio das sementes colhidas da árvore Tambor na cidade de João Alfredo no solo do Horto de Padre Cícero, localizado na cidade cearense. Desejo este, manifestado anteriormente pelo personagem em nossas entrevistas. O roteiro continuaria a destacar sua religiosidade, a sua proximidade com a tradição do universo dos caboclinhos, partes das atividades do seu dia a dia, o seu habitat, sua arte, seus sonhos e não perdêssemos a essência da narrativa, sensibilizar o público no intuito de valorizar o artista.

Em um relance de inspiração, nomeamos o nosso projeto de documentário, como Cabocolino (nome originado por conta da forma como Sr. João de Cordeira pronuncia a palavra caboclinhos), e, no segundo semestre de 2020, organizamos três projetos na área de audiovisual: “Cabocolino”, “O Caboclo Enxerido” e “Dona Célia, uma vida de cultura e amor”. Inscrevemos os dois primeiros no Edital da Secretaria de Cultura do Estado de Pernambuco da Lei Aldir Blanc e o terceiro, no Edital da Secretaria de Educação e Cultura de Surubim, também da mesma lei. Todos os projetos foram aprovados na sua totalidade, com planilhas do cronograma de execução e de gastos. Como se permitia apenas um projeto aprovado, optamos apenas por “Cabocolino” e oficializamos aos entes governamentais a desistência dos demais.

Todo o nosso projeto foi pautado em formatar um documentário que retratasse o indivíduo, trouxesse a importância da preservação das manifestações culturais de uma forma poética que provocasse emoções e sensibilizasse o público da melhor forma possível. Encontramos em Nichols (2005, p. 205) as pontuações do autor sobre questões sociais e retrato pessoal, onde diz que muitas obras atuam nos variados modos de representação documental e, em várias ocasiões, uns adquirem ênfase nas questões sociais. Direcionamos o roteiro da obra mais no personagem, nos seus valores, no amor à arte dos caboclinhos, para que tais características viessem a sensibilizar o público para a causa social da preservação da cultura.

Nichols traz patente essa inter-relação das ênfases, explanando a vista da narrativa presente na obra *Vietnã, ano do porco* (1969), onde, magistralmente, o diretor, roteirista e montador Emile de Antonio, apoia-se em testemunhos de políticos, jornalistas, militares importantes e outras pessoas, com registros pessoais de reportagens e fotografias para, através de uma excelente montagem, desenvolver uma perspectiva crítica da política americana durante a guerra do Vietnã.

Sobre essa perspectiva de revelar o social a partir do foco no indivíduo, direcionamos a narrativa do roteiro no intuito de mostrar o Sr. João de Cordeira em momentos privados, falando de si e sua trajetória na arte, a beleza da simplicidade no seu modo de vida e na paisagem. A peregrinação até a cidade do Juazeiro do Norte em uma jornada de fé, característica bem presente entre a população mais humilde que habita a região Nordeste do Brasil. Nesse bojo de situações, era necessário criar

um discurso poético em cima de uma montagem que emocionasse o espectador do filme.

Em dezembro de 2020, optamos em reduzir a equipe de produção por dois motivos. O primeiro fora nossa preocupação com a segurança no tocante a possíveis contaminações durante a pandemia. Nosso personagem está inserido no grupamento de pessoas idosas, dos indivíduos com maior risco de contaminação, como também havia receios e preocupações de contaminação por parte dos membros da produção. O segundo motivo foi por conta da redução do valor liberado pela Secretaria de Cultura de Pernambuco, motivada por descontos de imposto de renda. A par dessas situações, decidimos adotar os procedimentos constantes no Protocolo de Segurança e Saúde no Trabalho de Audiovisual, elaborado conjuntamente pelo Sindicato da Indústria Audiovisual do Estado de São Paulo (SIAESP), pelo Sindicato dos Trabalhadores na Indústria Cinematográfica e do Audiovisual dos Estados de São Paulo, Rio Grande do Sul, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Tocantins e Distrito Federal (SINDCINE) e pela Associação Brasileira de Produção de Obras Audiovisuais (APRO), como também as normas vigentes dos órgãos estaduais e municipais de saúde. Neste mesmo mês, readequamos o calendário de dias das filmagens e esperávamos concluir todas as gravações até a primeira semana de maio de 2021.

Como dito anteriormente, foi imprescindível se proceder a alterações no roteiro original e todas as modificações foram detalhadamente estudadas para que, dentro de um possível cenário de agravamento da pandemia e de redução orçamentária, a essência da história e o modo como o entrevistado gostaria de ser visto não fossem prejudicados.

Nichols (2005, p. 135 e 136) identifica seis modos de representação do filme documentário como poético, expositivo, participativo, observatório, reflexivo e performático, os quais funcionam como subgêneros do gênero. O autor diz que a identificação não precisa ser totalmente caracterizada. Um documentário de determinado gênero pode ter elementos de um ou de mais gêneros e, mesmo ocorrendo que um deles seja mais expressivo, ao ponto de o marcar como tal, nada impede que, na sua construção, sejam utilizados elementos que caracterizam outros gêneros.

O documentário Cabocolino carrega, em sua essência, a missão de divulgar o trabalho, as dificuldades, a arte, os sonhos e valores de um artista desconhecido, no intuito de sensibilizar a sociedade em valorizar os seus bens culturais, principalmente aquele artista que sobrevive mesmo diante do esquecimento da pauta da grande mídia e do descaso dos principais órgãos fomentadores de cultura estatal.

Movidos por esse objetivo, desde as primeiras reuniões para ajustar o cronograma das atividades com o cenário de restrições, sensibilizamos todos os componentes da minúscula equipe de produção em conjunto com o personagem em produzir um material cinematográfico de excelente qualidade, diante de nossas limitações financeiras e materiais. Convidamos cada membro a internalizar a importância da excelência no desempenho individual para que esse processo de construção coletiva resultasse não apenas em um simples filme, em mais uma obra, mas sim em uma obra construída no prazer de estar fazendo algo salutar, para si, para o outro e para sociedade.

Durante o processo, houve vários momentos de construção coletiva, não apenas entre integrantes da equipe, mas, principalmente, no bom relacionamento cineasta e personagem principal, o que nos faz, neste estágio, conceituar o nosso futuro trabalho como um documentário do subgênero do modo participativo, pois construímos a narrativa na junção de pontos de vista presentes nessa harmonia.

Nossa narrativa percorre o sonho do homem simples do campo em fazer uma homenagem ao falecido avô, sepultado em Juazeiro do Norte (CE). A importância simbólica de uma árvore, *O Tambor* (nome científico *Enterolobium contortisiliquum*) na memória de vida do personagem, cuja planta participa do roteiro como personagem e serve como um elo a unir com a história do seu antepassado. Trará a importância da preservação da memória cultural e da natureza, tão presente na cultura indígena. Trafegará no imaginário de fé do personagem diante do Padre Cícero do Juazeiro. Mostrará o personagem na saga do percurso de João Alfredo até o estado do Ceará, as gravações do cotidiano e dos depoimentos sobre o histórico do personagem e do bloco de caboclinhos.

O documentário Cabocolino, após sua conclusão, será exibido nos canais da plataforma do *Youtube*. No organograma das atividades da produção, prevemos inscrever o filme para seleção e exibição nas mostras dos diversos festivais de cinema

nacional e internacional, como também apresentá-lo à direção de emissoras educativas de TV para inclusão na grade de programação.

## **7.2 O Percurso do projeto**

Conforme explicitado anteriormente, nosso projeto sofreu várias modificações desde sua concepção até os momentos finais de finalização. Todas elas motivadas pela redução orçamentária e limitações impostas pela pandemia.

Apresentaremos, a seguir, acontecimentos que foram registrados ao longo das três fases (pré-produção, produção e pós-produção), como também os depoimentos dos parceiros Alexandre Taquary e Marlom Meirelles, dois grandes cineastas e produtores sediados no agreste de Pernambuco, que sem a ajuda e colaboração de ambos o documentário não teria alcançado o nível excelente de produção.

### **7.2.1 Pré-produção**

Destacamos, na fase de pré-produção, o nosso empenho em formatar um projeto de documentário para consolidar o processo final de conclusão do curso. Após a atualização de argumentos e roteiro, deparamo-nos com o edital do Governo de Pernambuco sobre a Lei Aldir Blanc e encontramos, nessa via, uma possibilidade de produzir um material bem mais elaborado e com aluguel de equipamentos e profissionais qualificados. Importante destacar que a leitura atenta de todo o Edital, inclusive os anexos, é imprescindível para o sucesso da aprovação.

Enfatizamos a importância de agrupar todos os documentos necessários antecipadamente e ficarmos atentos aos prazos, priorizando a remessa dos dados e a respectiva inscrição em datas anteriores ao período do prazo final. Na edição 2020 do edital de Criação, Fruição e Difusão LAB PE da Lei Aldir Blanc, observamos que muitos produtores foram alijados do processo por deixarem as providências para o último dia de inscrição e por não terem tempo suficiente para sanar as eventuais pendências. Importante pontuar que, geralmente, nessa ocasião, os sistemas e plataformas de Internet por causa da sobrecarga, apresentam lentidão.

No momento em que tomamos conhecimento da aprovação do nosso projeto pela Secretaria de Cultura de Pernambuco e da surpresa ao observar que houvera

diminuição do valor originalmente orçado, imediatamente buscamos acomodar o roteiro à nova realidade financeira disponível. Contactamos, inicialmente, o cineasta Alexandre Taquary, apresentamos o projeto e o deixamos a par das dificuldades. De pronto, ele mostrou-se encantado com a proposta e tornou-se um forte aliado para tornar realidade o documentário. Decorrido alguns dias, apresentou-nos o cineasta Marlom Meireles, que também resolveu, de forma apaixonante, contribuir na feitura da obra. Após os contatos, consolidamos a parceria com a Taquary Filmes e Eixo Audiovisual, dirigidas respectivamente por Alexandre Taquary e Marlom Meireles.

Realizamos reuniões virtuais para discutir um novo roteiro, onde a essência da história e os valores do personagem fossem preservados. Definido o formato, iniciamos com o Sr. João de Cordeira uma peregrinação pela região para sondar locais de gravação. Retratadas nas Fotografias 1 e 2.

Fotografia 1 - Visita ao local que serviu para as cenas de abertura do filme.



Fonte: Acervo do Autor (2021).

Fotografia 2 - Árvore Tambor localizada no Sítio Campo do Borba – João Alfredo-PE.



Fonte: Acervo do Autor (2021).

Após novas reuniões virtuais com a equipe, definimos as funções principais do projeto. Alexandre ficaria responsável pela produção executiva e captação de som nas cidades de João Alfredo e Surubim. Marlom ficaria responsável pela fotografia, montagem e edição e, sob a minha responsabilidade além da direção geral, a responsabilidade de captação de som durante as filmagens de deslocamento e permanência na cidade de Juazeiro do Norte (CE).

Aos 12 de janeiro deste ano, juntamente com Marlom e Alexandre, fomos ao Sítio Melancia na cidade de João Alfredo, local de residência do personagem, no intuito de apresentar ao Sr. João de Cordeira a nossa reduzida equipe e, assim, proporcionar uma maior aproximação e harmonia durante os trabalhos. Aproveitamos a ocasião para mostrar e conhecer melhor os locais de filmagens.

Após esse encontro, definimos as datas das filmagens de todo o roteiro para o período de 05 a 10 de fevereiro de 2021, inclusive com o deslocamento previsto até a cidade do Juazeiro do Norte. Contatamos a rede hoteleira e restaurantes e consolidamos o planejamento diário das filmagens. Como não havia ainda iniciado o processo de vacinação da população, efetuamos testes de verificação de Covid-19 em todos os integrantes da equipe e no personagem. Adquirimos máscaras, aparelho de aferição de temperatura e outros equipamentos e materiais de desinfecção no intuito de cercar-nos de todos os procedimentos de segurança para as atividades previstas no *set* de filmagens.

### **7.2.2 Produção**

Na tarde do dia 05 de fevereiro de 2021, iniciamos as filmagens, deslocamos até o Sítio Campo do Borba em João Alfredo, onde foram colhidas as imagens das cenas iniciais do documentário segundo o plano de filmagens elaborado.

Como mostra na Fotografia 3, o personagem vestido dos trajes de caboclinhos, caminha solitário no campo e vai de encontro a árvore de Tambor (*Enterolobium maximum Ducke, nome científico*). No intuito de colher as sementes para preparação e plantio na cidade de Juazeiro do Norte. Foram registradas cenas do entardecer no campo e depois filmamos o personagem chegando à noite em sua residência, seu convívio com a esposa e interação com os animais de estimação. Por fim, registramos a cena do personagem dormindo.

Fotografia 3 - Gravação cenas abertura Cabocolino.



Fonte: Acervo Autor (2021).

No sábado, 06 de fevereiro, logo cedo, fomos à residência do personagem, registramos a entrevista com ele na sala de sua humilde residência e dois fatos destacamos, os quais passamos a narrar. De repente, centenas de cigarras e outros insetos começaram a emitir os seus zunidos característicos, o que provocou interferência no som captado na fala do entrevistado, ocorrendo a paralisação de nossas atividades.

Segundo Sr João, não era comum o canto dos insetos naquele horário do dia. Sanado o problema, retornamos à entrevista e, de repente, Alexandre Taquary na função de técnico de som, interrompia as gravações alegando que estava escutando nos autofalantes auriculares do equipamento um forte som de batidas de coração. Fato constatado por Marlom, que de imediato pensou ser provocado pelo microfone de lapela. Mesmo desligando o equipamento, o misterioso som persistia, quando Sr. João de Cordeira, tranquilamente pontuou: “O caboclo que me acompanha está aqui conosco, não precisa se preocupar”.

Após essa fala, o som imediatamente sumiu, ficamos intrigados com o ocorrido e ficou a expectativa para, no final do dia das gravações, checar se as batidas de coração escutadas foram captadas no material sonoro da entrevista, fato este não ocorrido.

No período vespertino, fomos a um monte próximo à residência do Sr. João, conhecido como a Serra da Ventania e registramos reflexões do mesmo sobre a

essência do bloco, o lado místico e suas expectativas sobre o futuro da dança dos caboclinhos, evidenciado na Fotografia 4. As filmagens se encerraram no momento do pôr-do-sol e nossa equipe aproveitou o momento do jantar para checar todas as ações do dia seguinte, pois envolveria uma logística maior e um grande número de figurantes.

Fotografia 4 - Serra da Ventania – João Alfredo-PE



Fonte: Acervo do Autor (2021).

Nossa maior preocupação eram os cuidados com as medidas preventivas contra a Covid-19 e, também o fato de que, além do personagem principal, havia muitos outros idosos que ainda são brincantes, os quais foram especialmente convidados por João de Cordeira para participarem como dançarinos nas filmagens. Para o entrevistado, era a forma de retribuir a parceria de longos anos em acompanhar o bloco.

Nossa jornada começou bem cedinho no domingo. Às 6h da manhã, já estávamos com o motorista “Rosinha do Amor”, toyoteiro<sup>13</sup>, buscando cada integrante do bloco de caboclinhos em suas residências e depois fomos ao Memorial dos Severinos, no Parque dos Mamulengos Gigantes em Surubim, onde realizamos as

---

<sup>13</sup> Diz-se do condutor de transporte coletivo na região que utiliza do jipe Toyota bandeirante adaptado para transportar passageiros.

filmagens de apresentação das danças e performance dos integrantes, juntamente com a Banda de Pífano de Surubim do mestre Sr. Sebastião.

O local foi escolhido para divulgar o turismo na região e abrilhantar o momento da cena do personagem em estado de sono e sonho. Conforme retratado no canto superior da Fotografia 5, a arquitetura do parque possui uma dezena de esculturas gigantes de personagens que retratam o universo nordestino em cimento, onde montamos estrutura de fornecimento de lanches e água e contamos com os serviços de Assistência de Direção e Produção do universitário Daniel Nascimento, o qual ficou responsável em colher as autorizações de uso de imagens, como também controlar o uso de máscaras, limites de distanciamento social e os demais cuidados de prevenção.

Fotografia 5 - Momentos que antecederam as filmagens.



Fonte: Fotografia de Devyd Santos (2021).

Na ocasião também contamos com a participação de Devyd Santos no auxílio das funções de *still* e *making of*. Dirigimos os posicionamentos e movimentos dos grupos, como mostram as Fotografias 6 e Fotografia 7, para as cenas e finalizamos os trabalhos após checagem de todo material filmado. Todos os integrantes foram transportados de volta até suas residências, muitas delas situadas em diversas localidades da zona rural de João Alfredo e, no final da tarde, retornamos ao Memorial para realizar outras filmagens, desta vez, apenas com Sr. João de Cordeira.

Fotografia 6 - Orientação de posicionamento ao Bloco de Caboclinhos.



Fonte: Fotografia de Devyd Santos (2021).

Fotografia 7 - Gravação cenas do sonho – Memorial dos Severinos – Surubim-PE



Fonte: Fotografia de Devyd Santos (2021).

No final do dia, comemoramos o sucesso dos trabalhos, pois o nosso maior desafio era o cuidado com a integridade física das pessoas, filmar com o maior número de integrantes previstos no roteiro e nosso planejamento envolvia deslocamentos entre cidades, alimentação para mais de 30 pessoas e, principalmente, seguir as normas de prevenção contra a pandemia. Todas as ações transcorreram conforme o planejado.

Na segunda-feira, 08 de fevereiro, nossas atividades começaram também às 6h da manhã. Neste dia, iríamos registrar o percurso do personagem até a cidade do

Juazeiro do Norte no Ceará. Cedinho, gravamos imagens da despedida de Sr. João com sua esposa, a saída da cidade de João Alfredo, a parada no terminal rodoviário de Caruaru conforme mostra a Fotografia 8, cenas na estrada em Cruzeiro do Nordeste, no município de Sertânia e nas proximidades de Serra Talhada. Chegamos às 21h na cidade do Juazeiro do Norte - CE.

Fotografia 8 - Gravação cena Terminal Rodoviário de Caruaru-PE.



Fonte: Acervo do Autor (2021).

Temos como hábito, antes de qualquer viagem, checar as condições do tempo do local de destino. Talvez por ter ido outras vezes na região do Cariri cearense e as filmagens ocorrerem em pleno mês de fevereiro no Nordeste, época normalmente de estiagens, a preocupação era menor.

A varanda do quarto proporcionava uma vista defronte ao monte onde se localiza a estátua de Padre Cícero. Movido pela ansiedade e emoção, acordei cedinho e quando me dirijo à varanda para apreciar o surgimento do sol, antevejo, no horizonte, a aproximação de negras nuvens. Tudo começou a ficar nublado e, de repente, muita chuva, uma enxurrada.

Nosso dilema era filmar ou não naquele dia, nossa agenda apertadíssima, pois a fotografia estava sob a responsabilidade de Marlom, que, antecipadamente, por conta de outros compromissos já havia alertado que somente poderia realizar as filmagens do dia 05 a 09 de fevereiro e, no dia 10, teríamos que retornar.

A programação de gravação envolvia várias cenas externas, a previsão era de fortes chuvas durante todo o dia. Daí resolvemos alterar a ordem das filmagens. No

momento da enxurrada, gravamos as cenas no terminal rodoviário de Juazeiro do Norte e partimos para o Horto do Padre Cícero, local da estátua, Fotografia 9.

Fotografia 9 - Gravações no Horto de Padre Cícero.



Fonte: Fotografia de Marlom Meirelles (2021).

No trajeto, discutimos sobre a otimização das filmagens naquelas condições. Providenciamos a aquisição de guarda-chuvas e capas. Antes, no quarto do hotel, acondicionamos todas as toalhas possíveis em nossa bagagem de equipamentos e, por sorte ou milagre do “Padim Ciço” e dos protetores espirituais, a chuva resolveu cair de uma vez.

Em vários locais visualizamos muitas ruas alagadas, inclusive foi matéria na televisão local. No Horto, havia a determinação de Sr. João de Cordeira de plantar as sementes trazidas de João Alfredo somente após autorização do padre local. Deparamo-nos com dois jovens padres, os quais, de uma forma não muito receptiva, direcionaram Sr. João à Irmã Sônia, religiosa responsável pelo local. A Irmã foi muito receptiva. Além de autorizar a plantação das sementes do Tambor, levou-nos a um local reservado onde, segundo a Irmã, havia sido um jardim e horta do Padre Cícero no passado.

A partir do momento que ela autorizou, conversei com Marlom para começar a registrar as imagens, e os diálogos da religiosa com o Sr. João, como mostra na Fotografia 10. Daí, consultei-a sobre sua participação no documentário, abrilhantando essa cena importante, a qual, originalmente, não constava do roteiro, mas, por conta da imensa carga emotiva verificada, tornou-se peça importante no projeto,

principalmente para o personagem em realizar a homenagem ao seu avô, cujos restos mortais repousa sobre aquele solo.

Fotografia 10 - Cena da plantação das sementes em Juazeiro do Norte-CE.



Fonte: Acervo do Autor (2021).

De instante e instante, dirigia meus olhos para o céu, agradecendo a colaboração dos Santos em segurar a chuva nas nuvens. Após esse momento, Sr. João também pediu autorização à Irmã Sônia para se trajar com suas vestes do bloco de caboclinhos e realizar outra homenagem: apresentar-se com suas danças e passos sob os pés da estátua do Padre Cícero.

Como caboclo raiz da tradição, ele começou a lamentar sobre a ausência dos demais integrantes da agremiação naquele instante, da banda de pífanos de seu amigo de longas datas, Sr. Sebastião. De imediato, comecei a reproduzir no celular o som da banda a partir das gravações realizadas no Memorial dos Severinos e, antes de convidar o Sr. João a iniciar suas homenagens, ele começou a dançar feliz sob os pés da estátua do Padre Cícero. Naquele momento, consolidava a homenagem ao falecido avô.

Nesse dia, nossas atividades terminaram por volta das 14h, almoçamos e depois, como bom romeiro, o Sr. João pediu para o acompanhar pelo comércio da cidade. Foi fácil encontrar rapaduras, terços, santos, redes e artesanato para levar de lembrança para presentear os amigos e familiares.

Na quarta-feira, 10 de fevereiro, para nossa surpresa, o céu estava ensolarado. Sugeri a Marlom que, de forma rápida, retornássemos ao Horto e registrasse

novamente algumas cenas, para posterior análise no momento da montagem. Feito os registros, finalizamos as gravações conforme mostra a Fotografia 11, a partir daí iniciamos nosso retorno para Pernambuco. Paramos em alguns cenários na estrada e chegamos no período da noite. O primeiro ponto de parada foi Bezerros para deixar Marlom. Depois, por volta das 23h, chegamos no Sítio Melancia em João Alfredo, local da residência do Sr. João de Cordeira. Registro, aqui, meu lamento em não ter efetuado os registros de sua volta ao lar, mas ficou a beleza desse momento eternizada em nosso coração.

Fotografia 11 - Encerramento filmagens no Juazeiro do Norte-CE.



Fonte: Marlom Meirelles (2021).

### 7.2.3 Pós-Produção

Em meados de março de 2021, sob a responsabilidade do estúdio Eixo Audiovisual, iniciamos o processo de montagem e edição, representado na Fotografia 12. Foram efetuados quatro cortes para chegar ao documentário final.

No primeiro material, foram agrupadas várias cenas que percorriam a sequência do roteiro em um material de 30 minutos e, nos cortes subsequentes, o tempo de duração variou entre 14 e 18 minutos. Foi detectado que, em alguns momentos de entrevista com seu João de Cordeira, sons paralelos de cigarras interferiam na qualidade do áudio, sendo preciso se deslocar com o personagem até a cidade de Bezerros e, nos estúdios da produtora conforme registro da Fotografia 12,

colher algumas falas do personagem para melhor direcionar as sequências das imagens.

Fotografia 12 - Gravação no estúdio da Eixo Audiovisual



Fonte: Fotografia de Marlom Meirelles (2021).

Convidamos o aluno Pedro Fillipe, do Curso de Comunicação Social da UFPE, Campus Caruaru, para se aliar ao projeto e construir o projeto gráfico e *motion design*. Sentimos a necessidade de um melhor tratamento na correção de cor e edição de som, quando deparamos com limitações no orçamento para contratar profissionais do mercado.

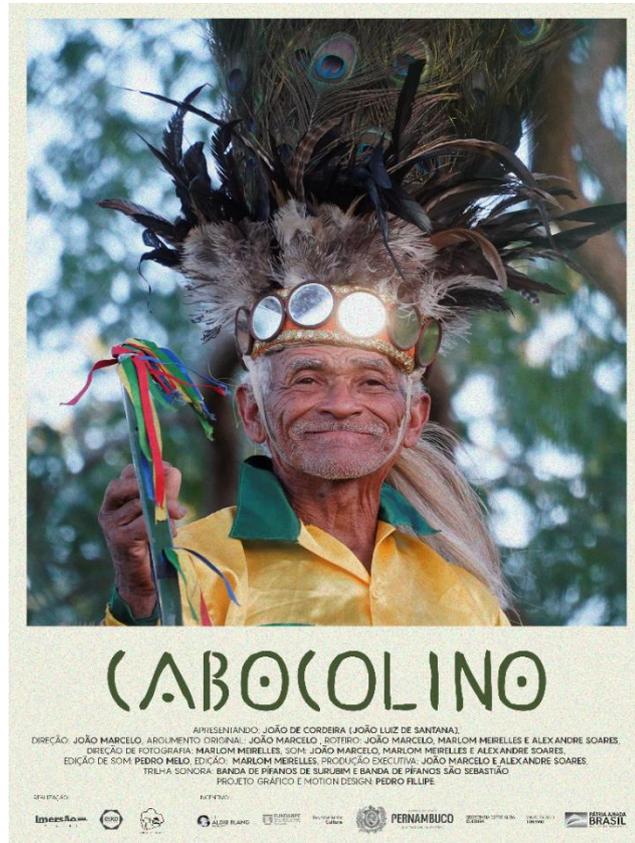
A produtora Taquary Filmes se encarregou de convidar o cineasta Pedro Melo, recém-formado no Bacharelado em Cinema pela Universidade Federal de Pernambuco. Na obra *A Brodagem*<sup>14</sup> no Cinema em Pernambuco (Mansur, 2019, p.44), a escritora e nossa orientadora destaca a forma colaborativa de grupos de cineastas autodidatas na produção de audiovisual historicamente em Pernambuco.

O documentário *Cabocolino*, naturalmente, seguiu esse formato de produção, pois todos os profissionais envolvidos na produção residem e trabalham no Agreste pernambucano; Alexandre Taquary de Taquaritinga do Norte PE, Marlom Meirelles e

<sup>14</sup> Segundo Amanda Mansur (2020), a brodagem no cinema pernambucano é um modo colaborativo de produção, acionando uma rede de amigos com compatibilidade geracional, formação em comum e representada por um jogo de interesses, afetos e desafetos.

Pedro Fillipe e Pedro Melo, estes da cidade de Bezerros - PE, colaboradores que foram se juntando ao documentário de forma afetiva e profissional. Reprodução do cartaz oficial do filme apresentado na Fotografia 13.

Fotografia 13 - Cartaz divulgação Cabocolino.



Fonte: Acervo do Autor (2021).

Como o projeto obteve financiamento através da Lei Aldir Blanc e, no pleito, fora informado que o vídeo estaria disponível no Canal do *Youtube*, tivemos que concluir com celeridade a obra dentro do prazo estabelecido pelo Edital.

Após a veiculação no Canal do *Youtube* CABOCOLINO João de Cordeira (<https://www.youtube.com/channel/UCoiDEbE-YNY6eoujzI0Piw>), cumprimos a exigência do Edital da Secretaria de Cultura de Pernambuco e tratamos de divulgar entre amigos pelas redes sociais. O filme obteve excelente receptividade entre as pessoas e, rapidamente, obteve muitas visualizações. Inclusive, recebemos diversos depoimentos elogiando a obra através de textos e áudios. A boa aceitabilidade da obra foi motivo de matéria jornalística no Jornal O Poder, periódico eletrônico de

penetração nacional, no Blog Dimas Santos, mais restrito a notícias da cidade de João Alfredo e também no site e *Instagram* do periódico eletrônico *Surubim News*.

Nossa próxima ação consiste em inscrever o filme em festivais e distribuir para canais de TV públicas e comerciais.

Recentemente, o artista João de Cordeira foi convidado para ser homenageado na inauguração da Casa de Cultura de João Alfredo, registrado na Fotografia 14. Na ocasião o Diretor de Cultura o informou que a arte dos Caboclinhos seria escolhida como representante do universo cultural presente no município. Tal fato nos deixa feliz, como também de presenciar o reconhecimento pelos habitantes do município ao abordar Seu João de Cordeira nas ruas como um artista valoroso.

Fotografia 14 - Inauguração da Casa de Cultura de João Alfredo-PE



Acervo do Autor (2021).

Por fim, apresentamos os depoimentos dos nossos principais colaboradores:

“Vejo Cabocolino como uma obra super necessária para valorização das manifestações culturais populares, como também da disseminação das produções audiovisuais do interior de Pernambuco. Desde quando o projeto me foi apresentado, percebo que as forças do universo conspiram a favor do sucesso dessa obra, para mim, participar desde o começo é motivo de muita alegria e satisfação e mais ainda presenciar a valorização do personagem Sr. João de Cordeira e contribuir com o desenvolvimento cultural de João Marcelo.” (SOARES, 2021, informação repassada via aplicativo de mensagens *WhatsApp*).<sup>15</sup>

<sup>15</sup> Informação fornecida pelo cineasta Alexandre Soares em 12/08/2021.

“Foi uma experiência fantástica poder participar do processo criativo desse documentário como co-roteirista, diretor de fotografia e editor. Grato pelo convite de João Marcelo e Alexandre Soares. Importante entender a potência do cinema realizado no Agreste, uma vez que toda a equipe principal do documentário é de diversas cidades desta região de Pernambuco. Fizemos um belo filme que presta homenagem a uma personagem ímpar e serve de documento histórico para as futuras gerações”. (MEIRELES, 2021, informação repassada via aplicativo de mensagens *WhatsApp*).<sup>16</sup>

Ambos cineastas e produtores contribuíram muito para a grandiosidade dessa obra documental que muito colabora para a valorização do artista João de Cordeira, dos inúmeros elementos culturais presentes no Nordeste e enriquece o acervo cultural do estado de Pernambuco. Na Fotografia 15 podemos identificar os principais colaboradores.

Fotografia 15 - João Marcelo, Marlom e Alexandre.



Fonte: Fotografia de Devyd Santos (2021)

---

<sup>16</sup> Informação fornecida pelo cineasta Marlom Meireles em 15/08/2021.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estado de Pernambuco se destaca no cenário nacional pela riqueza na diversidade de suas manifestações culturais. Atualmente, mesmo que nas páginas e anúncios de promoção de cultura do estado e dos municípios sejam exibidos robustos números de apoio financeiro e promocional na preservação e divulgação da cultura, ainda verificamos uma grande ausência no apoio de artistas desconhecidos da mídia e do grande público.

Para manterem vivas essas tradições, muitos artistas recebem apenas o apoio de simpatizantes e, muitas vezes, precisam sacrificar suas parcas economias para dotar essas agremiações de um mínimo possível de condições de estarem aptas a se apresentarem nos períodos festivos de carnavais, geralmente nas ruelas das pequenas comunidades rurais e de pequenas cidades do Agreste Setentrional de Pernambuco.

Observa-se que, diante de um ambiente adverso de apoio, esses artistas sobrevivem num eterno dilema: continuar ou encerrar as atividades. Nas entrevistas junto aos diversos integrantes e dirigentes dessas pequenas agremiações, ficou patente a importância da tradição, da conservação histórica de saberes pertencentes a esses pequenos núcleos comunitários

O personagem escolhido traz todos os atributos presentes nesse cenário que, diante da possibilidade de oportunizar a cultura de caboclinhos uma maior divulgação através de um documentário, mostrou-se totalmente solidário ao projeto.

O projeto do documentário Cabocolino possui, em sua essência, a valorização do ser humano como agente transformador dos cenários que o envolvem; a importância do trato ético no respeito ao personagem e na preservação da cultura nativa com fortes influências indígena brasileira. Trata-se da construção de um roteiro de jornada, que percorre a arte, o cotidiano, os valores, os sonhos e a fé tão presente na maioria das pessoas simples e valorosas que fazem parte do grupamento da população brasileira.

Todas as etapas de planejamento, elaboração, execução e divulgação foram sedimentados dentro dos conhecimentos adquiridos em sala de aula do Curso de Comunicação Social presente no Centro Acadêmico do Agreste, Campus Caruaru, em especial e com maior ênfase os ministrados nas disciplinas que envolvem o eixo

de audiovisual da grade curricular do curso. Importante destacar os cursos e oficinas efetuados em plataformas digitais e nossa participação na Oficina Doc-Lab – Laboratórios de documentários, ministrados pelos professores Marlom Meirelles e Kennel Rógis, durante a edição do 14º Curta Taquary. Nas obras de Caputo (2010) e Nichols (2005), encontramos os elementos primordiais para elaboração e assertividade com mais segurança do projeto, como também exploramos os filmes de diversos cineastas, em especial os de Fernando Spencer e Eduardo Coutinho, que serviram de referência ao presente trabalho.

Desde já, sinto-me feliz e realizado pela possibilidade de dirigir, produzir e materializar um projeto com toda uma equipe de produção formada por profissionais residentes no nosso agreste pernambucano, por proporcionar alegria, valorização e fortalecimento do personagem, como também de todos os demais integrantes do bloco; por ter a oportunidade através de uma obra audiovisual, dialogar com a população sobre a importância e visibilidade dos Mestres culturais; por poder proporcionar a circulação de valores no comércio das pequenas localidades onde foram realizadas as filmagens, contribuindo para preservar empregos e proporcionar rendas extras as pessoas.

Feliz também por saber que a obra irá enriquecer o acervo cultural cinematográfico do Estado e do município com um documentário, o qual poderá despertar, nas autoridades, a importância da preservação da cultura, não apenas na promoção de festividades, mas também em dotar de espaços físicos e virtuais que agrupem as diversas manifestações culturais existentes no município. Fato acontecido recentemente, quando presenciamos o Sr. João de Cordeira ter sido um dos maiores homenageados durante a inauguração do Espaço Cultural Fernando Silva na cidade de João Alfredo.

O documentário, como previsto no nosso projeto apresentado no Edital Lab PE, da Secretaria de Cultura de Pernambuco, está sendo exibido no canal do *Youtube* e obtendo grande repercussão e aceitabilidade pelo público. Em breve será inscrito em festivais nacionais e internacionais e almejamos que alcance premiações, como também uma maior visibilidade e aceitação do público, contribuindo para manter, preservar e eternizar a tradição dos blocos de caboclinhos.

Esperamos também que, a partir desse momento, sirva como um material de divulgação de fácil acesso para que um homem comum e o seu bloco seja valorizado

e que venha a proporcionar a formalização de contratos com patrocinadores públicos e privados, contribuindo, dessa forma, na proporção de melhores condições materiais para o bloco permanecer ativo e também atuante não apenas nas cidades próximas, como também oportunizar apresentações em outros períodos além do previsto para o carnaval em escolas, universidades, instituições, empresas e outras cidades, enriquecendo, ainda mais, o tesouro cultural presente no estado de Pernambuco.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, João Marcelo. **Perfil João de Cordeira: a cultura indígena resiste no agreste pernambucano**. Blog Dimas Santos, Página: João Alfredo. Disponível em: <<https://dimassantos.com.br/joao-de-cordeira-a-cultura-indigena-resiste-no-agreste-pernambucano/>> Acesso em: 28 de fev. de 2020.
- CAMPIOLO, Francinelli Cristina. **Perfil jornalístico e o resgate das singularidades: um olhar às pessoas comuns**. XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-1166-1.pdf>> Acesso em: 21 de abr. de 2021
- CAPUTO, Stela Guedes Caputo. **Sobre Entrevistas**. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2010.
- EQUIPE REDAÇÃO, **Morre Riefenstahl, cineasta do nazismo**. Folha Ilustrada. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1009200312.htm>>. Acesso em: 20 de abr. de 2021
- LABAKI, Amir & MOURÃO, Maria Dora. **O Cinema do Real**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- LINS, Consuelo. **O Documentário de Eduardo Coutinho: televisão, cinema e vídeo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Edi., 2004.
- MANSUR, Amanda. **A Brodagem no Cinema em Pernambuco**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2019.
- MEDINA, Cremilda. **Entrevista: um diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1986.
- NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. São Paulo. Papyrus Editora, 2005.
- PORTER, Russel. Sobre documentário e sapatos. *In*: LABAKI, Amir & MOURÃO, Maria Dora. **O Cinema do Real**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- SANTANA, J.J. **João de Cordeira: a cultura indígena resiste no agreste pernambucano**. [12 de junho, 2017]. João Alfredo: Entrevista concedida a João Marcelo Alves.

## ANEXO A - FICHA TÉCNICA CABOCOLINO

### Personagens:

**Apresentando:** João de Cordeira (João Luiz de Santana),

**Sua esposa** Marina Santana e Ir. Maria Sônia dos Santos.

**Grupo de caboclinhos da Melancia:** Adeildo José dos Santos, Alex Josenildo da Silva, Cosmo César Fonseca da Silva, Damião Lucas Fonseca da Silva, Edvaldo Silva de Souza, Enoque André da Silva, Irineu Alexandre de Souza, João Luiz de Santana, Lenilson José de Oliveira Silva, Manoel Alves da Silva e Reginaldo Fonseca da Silva

**Banda de pífanos de Surubim:** Antônio Silva de Siqueira, Edimilson Silva de Siqueira, Erivaldo Silva de Siqueira, Sebastião Gonçalo Silva de Siqueira e Severino Gonçalves de Siqueira

**Direção:** João Marcelo

**Argumento original:** João Marcelo

**Roteiro:** João Marcelo, Marlom Meirelles e Alexandre Soares

**Direção de Fotografia:** Marlom Meirelles

**Som:** João Marcelo, Marlom Meirelles e Alexandre Soares

**Edição:** Marlom Meirelles

**Correção de Cor & Edição de Som:** Pedro Melo

**Projeto Gráfico e Motion Design:** Pedro Fillipe

**Trilha Sonora Original:** Lula Moreira

**Trilha Sonora Cena Sonho:** Banda de pífanos de Surubim

**Trilha Sonora Making of:** Banda de pífanos São Sebastião-Arcoverde PE

**Produção Executiva:** João Marcelo e Alexandre Soares

**Assistência de Produção:** Daniel do Nascimento Santos

**Still e Making of:** Devyd Santos, Petryk Lucas e João Marcelo

**Produção:** Eixo Audiovisual, Taquary Filmes e Imersão Filmes.

**Motoristas:** Rosinha do Amor (Jadeilson Ferreira Campos) e

Silvio Augusto de Albuquerque.

Agradecimento especial a professora Amanda Mansur.